



O CONVITE ESTÉTICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A PRESENÇA E DEFESA DO CONCEITO NAS NORMATIVAS VIGENTES DESTA ETAPA DA EDUCAÇÃO

THE AESTHETIC INVITATION IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: THE PRESENCE AND ADVOCACY OF THE CONCEPT IN CURRENT EDUCATIONAL GUIDELINES FOR THIS STAGE OF EDUCATION

Tatiana Telch Evalte¹
Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre
Associado/a/e ANPAP: Não

Júlia M. Azambuja dos Santos²
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS
Associado/a/e ANPAP: Não

RESUMO

Este estudo buscou investigar a presença do conceito de estética nos principais documentos que orientam a Educação Infantil, destacando a relevância do conceito quando aplicado no planejamento e na composição dos espaços educativos, contextos investigativos e ateliês. A pesquisa tem como objetivo identificar, nas normativas vigentes, como o conceito de estética pode fundamentar a criação de espaços e contextos educativos, bem como a implementação de práticas em ateliês. Por meio de uma abordagem metodológica bibliográfica, a construção teórica do estudo é apoiada nas ideias de Santaella (1994), Dewey (2011) e Vecchi (2020) sobre estética, enquanto as percepções de espaço na Educação Infantil são embasadas pelas contribuições de Horn (2017), Ostetto (2012) e Gandini (2012).

Palavras-Chave: Primeira palavra-chave. Segunda palavra-chave. Terceira palavra-chave. Quarta palavra-chave. Quinta palavra-chave.

ABSTRACT

This study aimed to explore how the concept of aesthetics appears in the key regulatory guidelines that guide Early Childhood Education in Brazil. It highlights the importance of aesthetics when connected to designing learning environments, investigative contexts, and

¹ Doutora e Mestra em Educação pelo Programa de Pós - Graduação em Educação da UFRGS, na linha de pesquisa Arte, Linguagem e Currículo sob orientação da prof. Dra. Analice Dutra Pillar. Licenciada em Pedagogia pela UFRGS. Membro do Grupo de Pesquisa em Educação e Arte - GEARTE. Editora no periódico online Revista GEARTE e na Revista IDENTIDADES. É Assessora Técnica Pedagógica da Educação Infantil, na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. Currículo Lattes <http://lattes.cnpq.br/4190365170162102> ORCID <https://orcid.org/0000-0002-7767-5036>

² Doutoranda em Educação Programa de Pós-Graduação da UFRGS, sob orientação da Profa. Dra. Analice Dutra Pillar. Mestre em Educação pelo PPGEDU UFRGS. Membro do Grupo de Pesquisa GEARTE. Especialista em Educação Especial e Inclusiva em Educação Infantil. Pedagoga pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2019). Atualmente é Coordenadora Adjunta na Unidade de Educação Infantil da SMED Porto Alegre. Experiência na área de Educação, com ênfase em estudos sobre infâncias, linguagens em ateliê e estética. Currículo Lattes <http://lattes.cnpq.br/1475327738239784> ORCID <https://orcid.org/0000-0001-7358-5693>



ateliers. The goal is to understand how current educational regulations support the use of aesthetics in designing educational spaces and in implementing practices within ateliers, using a bibliographic research approach. The theoretical foundation is based on the ideas of Santaella (1994), Dewey (2011), and Vecchi (2020) on aesthetics, while the understanding of space in Early Childhood Education is supported by the work of Horn (2017), Ostetto (2012), and Gandini (2012).

KEYWORDS: : Aesthetics; Early Childhood Education; Learning Environments; Investigative Contexts; Atelier.

Esta pesquisa fundamenta-se na defesa de que o planejamento dos espaços na Educação Infantil deve incorporar intencionalmente o que chamamos de "convite estético". Essa concepção possibilita que as crianças se envolvam de forma profunda e significativa com o ambiente, desenvolvendo suas próprias percepções e expressões estéticas. O convite estético não é apenas um recurso visual ou decorativo, mas um componente essencial do fazer pedagógico que instiga a sensibilidade, a curiosidade e a criatividade das crianças.

Nesse sentido, o planejamento dos espaços — compreendido, aqui, como projeto com intencionalidade pedagógica — deve ser parte integrante da ação docente, contribuindo para um percurso de aprendizagem que é construído com base na escuta das crianças e na valorização de suas experiências sensoriais e expressivas. Trata-se de pensar os espaços como parte ativa da pedagogia, o que implica não apenas em organizar materiais ou mobiliários, mas em criar atmosferas que acolham e provoquem as múltiplas linguagens infantis.

Santaella (1994) destaca que a estética é um aspecto central na constituição da sensibilidade e na expressão individual, sendo, portanto, fundamental para a aprendizagem pela experiência. Dewey (2011), por sua vez, argumenta que a estética na educação deve promover uma "educação do olhar", conferindo sentido ao mundo, ao mesmo tempo em que instiga a imaginação e a criatividade. A experiência estética, segundo o autor, está no cerne do processo educativo, pois possibilita uma reconstrução contínua do saber e da vivência. Assim, a estética torna-se inseparável da experiência.



Entendemos, neste estudo, que a estética vai além do conceito tradicional de "belo". Ela se refere à experiência sensorial e subjetiva, à forma como apreendemos o mundo por meio dos sentidos, desenvolvendo nossa percepção e modo único de sentir e interpretar o que nos rodeia. Cada criança possui uma maneira singular de se relacionar com o mundo, e cabe ao educador oferecer oportunidades e contextos que favoreçam essa construção estética individual e coletiva. Nesse sentido, é fundamental que os educadores estejam atentos às narrativas das crianças — suas ações, gestos, olhares e falas — pois são pistas valiosas para a criação de propostas e ambientes esteticamente significativos.

Vecchi (2020) complementa essa perspectiva ao afirmar que ambientes esteticamente pensados incentivam a exploração, a descoberta e a expressão, aspectos essenciais do desenvolvimento infantil. Espaços cuidadosamente preparados devem ser flexíveis, adaptáveis e em constante diálogo com os interesses e necessidades das crianças, promovendo um aprendizado sensível, relacional e significativo. Não se trata de ambientes prontos, mas de cenários em constante construção, que se transformam à medida que as crianças interagem com eles e entre si.

Autores como Horn (2017) e Ostetto (2012) reforçam que esses ambientes se configuram como verdadeiros "terceiro educador", capazes de mediar relações entre crianças, adultos e o mundo. Quando concebidos com intencionalidade estética, esses espaços respiram junto com a dinâmica do cotidiano escolar, refletindo a diversidade das infâncias, suas relações e experiências. Assim, os espaços tornam-se vivos, pulsantes, e contribuem para que a escola seja um lugar de pertença, acolhimento e invenção.

Gandini (2012) argumenta que espaços bem planejados favorecem as interações e o desenvolvimento integral das crianças. Contudo, é necessário que haja um envolvimento estético entre o ambiente, os contextos criados e a postura do educador, especialmente sua escuta atenta. A escuta ativa permite compreender os desejos, os interesses e as necessidades das crianças, possibilitando a construção de ambientes culturalmente ricos e pedagogicamente coerentes. Essa escuta deve



ser entendida como postura ética e política, capaz de tensionar práticas cristalizadas e de valorizar as singularidades infantis.

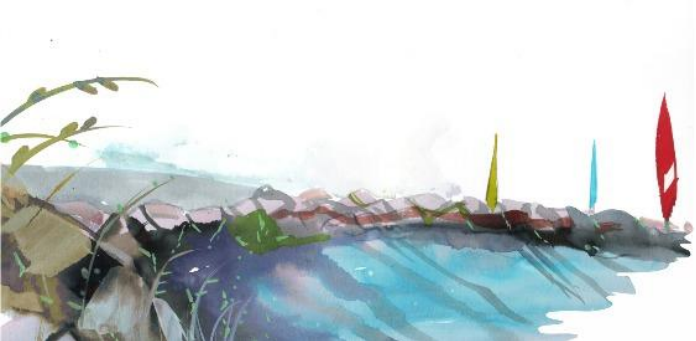
Defendemos que os ateliês ocupam um papel central na implementação de convites estéticos na Educação Infantil. Esses espaços são dedicados à experimentação, à investigação e à expressão artística, permitindo às crianças explorarem materiais, técnicas e linguagens de forma livre e intencional. Vecchi (2020) descreve o ateliê como um espaço dinâmico, onde a imaginação pode florescer sem amarras, contribuindo para vivências estéticas potentes. O ateliê, nesse sentido, extrapola a ideia de um espaço físico específico e se constitui como uma abordagem, um modo de estar com as crianças, que valoriza o processo criativo, o erro, o risco e a surpresa.

Essa abordagem valoriza o ser, o sentir e o dar sentido ao sensível, criando espaços de encontro entre crianças, educadores e o ambiente. Assim, os convites estéticos devem estar presentes nos espaços e contextos da prática pedagógica como direito da criança e compromisso ético do educador.

A estética, portanto, precisa ser compreendida como um eixo transversal que perpassa todos os campos de experiência. Ao incorporá-la conscientemente no planejamento pedagógico, os educadores não apenas enriquecem os ambientes, mas também promovem aprendizagens mais profundas, conectadas ao autoconhecimento, à relação com o outro e à compreensão do mundo. Promover o direito à experiência estética na infância é também promover justiça educativa, reconhecendo que todas as crianças, independentemente de sua origem, têm direito a vivenciar o belo, o sensível e o expressivo em seu cotidiano.

Nesse contexto, torna-se fundamental analisar como o conceito de estética está presente nas principais normativas que orientam a Educação Infantil no Brasil e mais especificamente na cidade de Porto Alegre, especialmente para garantir que esse direito seja assegurado e valorizado nas práticas cotidianas.

Para tanto, a metodologia da pesquisa consistiu em levantamento e análise documental, com foco na presença das palavras "estética", "estético" e "estéticos" nos



principais documentos legais que regulamentam a Educação Infantil no Brasil, no estado do Rio Grande do Sul e no município de Porto Alegre. Os documentos analisados foram: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, 1996), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEIs, 2010), o Referencial Curricular Gaúcho da Educação Infantil (2018) e a Proposta Pedagógica municipal "Cenário Tempos" (2021).

A análise revelou que a LDB de 1996 não menciona explicitamente o conceito de estética. Já a BNCC, embora utilize o termo "estética" 41 vezes, dedica apenas uma ocorrência à Educação Infantil, fazendo menção ao "senso estético". O Referencial Curricular Gaúcho apresenta cinco menções aos termos relacionados, sinalizando um avanço regional na valorização desse conceito. As DCNEIs de 2010, por sua vez, trazem três menções ao termo "estética", destacando-a como princípio norteador ao lado do ético e do político, o que representa um avanço importante na compreensão do papel da estética na formação integral da criança.

Na proposta curricular "Cenário Tempos" (2021), embora o termo "estética" não esteja explicitamente mencionado, há presença significativa de conceitos como "sensível" e "espaços", que indicam uma valorização implícita da dimensão estética no cotidiano escolar. Os modos como a proposta orienta o planejamento, a escuta e o diálogo com as infâncias evidenciam o reconhecimento da importância da experiência estética na construção das práticas pedagógicas.

A partir dessa análise, observamos um avanço gradual na inserção no conceito de estética nas normativas, ainda que com lacunas e oportunidades de ampliação. O reconhecimento do conceito como princípio educativo precisa ser consolidado nos documentos oficiais e, sobretudo, nas práticas pedagógicas, para que a Educação Infantil assegure o direito à sensibilidade, à expressão e à construção de significados.

Concluimos que a presença do convite estético na Educação Infantil é um indicativo de qualidade educacional. Mais do que uma escolha metodológica ou estética no sentido tradicional, trata-se de uma concepção pedagógica que reconhece a criança como sujeito sensível, potente e criativo. Ao articular teoria, espaço e prática,



reafirmamos o compromisso com uma educação que valoriza o sensível como condição de aprendizagem e de existência, contribuindo para a formação de sujeitos mais íntegros, empáticos e abertos ao mundo.

Referências

Referências

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2010.

DEWEY, John. Experiência e educação. São Paulo: Editora Vozes, 2011.

GANDINI, Lella et. al. O papel do ateliê na educação infantil: a inspiração de Reggio Emilia. Porto Alegre: Penso, 2012.

HORN, Maria da Graça Souza. Brincar e Interagir nos Espaços da Escola Infantil. Porto Alegre: Penso, 2017.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Planejamento na Educação Infantil: mais que atividade. A criança em foco. 2012.

PREFEITURA DE PORTO ALEGRE. Cenário Tempos: Proposta Pedagógica para a Educação Infantil. Porto Alegre, 2021.

SANTAELLA, Lucia. Estética: De Platão a Peirce. São Paulo: Experimento, 1994.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL. Referencial Curricular Gaúcho para a Educação Infantil. Porto Alegre, 2018.

VECCHI, Vera. Apresentação. In: HOYUELOS, Alfredo. A estética no pensamento e na obra pedagógica de Loris Malaguzzi. São Paulo: Phorte, 2020.